

**FEDERAÇÃO NACIONAL DE KARATE – PORTUGAL  
SECTOR TÉCNICO – DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE TREINADORES**

**INTRODUÇÃO À ACTIVIDADE DE  
TREINADOR DE KARATÉ**

**O Saber e as Competências do Treinador de Karaté**

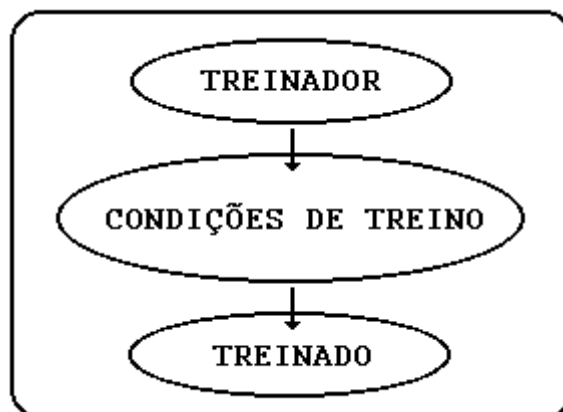
**ABEL FIGUEIREDO  
Junho de 2005**

# I - O "Saber" do Treinador de Karaté

O ensino e treino de Karaté, como de qualquer arte marcial ou desporto de combate, só se inscreve no âmbito de uma actividade educativa actual quando obedece a características como: *intencionalidade, previsibilidade, controlo e eficácia*.

Três factores essenciais podem ser identificados no processo de ensino e treino de Karaté:

- O gestor do processo de transformação;
- O sujeito de transformação;
- As condições influenciadoras.



A sociedade Pós-Moderna preocupa-se cada vez mais com a qualidade do ensino e treino promovida nos *dojo*. Requerem para isso uma certa seriedade na função de agente gestor de ensino e treino de artes marciais e de desportos de combate, ou seja, requerem um certo profissionalismo (autoridade e responsabilidade).

Os atributos de uma profissão, encerram, na generalidade, as seguintes questões:

- Autoridade profissional resultante de um "diferencial de capacidade" que é aceite e se estabelece entre o elemento da profissão e os restantes cidadãos;
- Reconhecimento social da actividade, que leva os membros da sociedade a aceitar a competência destes especialistas e a sua diferença face a outras áreas do saber;
- Um código de ética profissional;
- Conjunto de conhecimentos estruturados.

No Karaté, o problema não se pode colocar externamente, já que o bom técnico de Karaté (o Mestre) é, de certa forma, reconhecido socialmente, assentando esse reconhecimento na autoridade profissional resultante principalmente dos seus conhecimentos "técnicos" de Karaté. A evidência mais clara prende-se com o facto de ser das poucas modalidades desportivas cujo ensino mesmo nos escalões mais baixos tem sido profissionalizado<sup>1</sup>.

O estatuto de graduado (cinto negro) é um estatuto que tem algum reconhecimento social, assente principalmente no "saber técnico" (que é desconhecido para os não graduados).

---

<sup>1</sup>Dada a sua forma de organização, a maioria dos clubes de Karaté cobram cotas aos praticantes, sendo a grande percentagem dessas cotas revertente para o ou os técnico(s) responsável(eis). Mesmo os exames de graduação, pelo elo estabelecido entre o graduado e o graduante, costuma ser pago. O Karaté tem, pois, sido um serviço profissionalizado, mesmo sem que exista em alguns países uma preocupação profunda do controlo da formação dos agentes de ensino-treino. O controlo tem sido feito pelo mercado (a população praticante) que, pela sua ignorância sobre o assunto, corre sempre o risco de não perceber o nível do serviço que compra.

No Karaté Pós-Moderno o Mestre ou o Treinador é um especialista culto, ou seja é um indivíduo que ajuda a transformar a qualidade de vida de outros indivíduos utilizando para isso todos os meios ao seu alcance (predominantemente o Karaté restritamente pensado).

Os treinadores, na gestão do treino, e a um nível micro, têm várias competências. De uma maneira geral eles têm que escolher, identificar e definir as tarefas que os alunos deverão realizar; têm que as aplicar e controlar/avaliar, em função dos objectivos e metas antecipadamente propostos para aqueles alunos, naquele tempo e espaço organizacional característicos.

Paralelamente a este nível micro (*dojo*), existem mais dois níveis de intervenção de âmbito nacional que não poderemos ignorar: um nível institucional, onde temos como função técnica a gestão do clube, associação e federação; e um nível mega-macro onde colocamos a gestão federativa e desportiva geral (política e técnica nos Ministérios de cada país).

Mas toda a prática de gestão do treino é sustentada por uma intenção, um projecto que lhe dá significado concreto. Esse projecto integra, certamente, referências a vários pontos de vista: filosófico e pedagógico; conteúdos curriculares; organização das experiências de aprendizagem; métodos de ensino e treino; e ainda aos critérios de avaliação. Estes referenciais confluem naquilo que se denominará como *concepção de Karaté*.

Na nossa opinião é uma determinada concepção do processo de aprendizagem de Karaté que tem marcado profundamente a concepção de treinador da modalidade.

A concepção dominante do processo de aprendizagem tem a ver com a própria concepção de Homem característica de uma determinada sociedade, e esta, como temos vindo a perceber, principalmente no ocidente, está profundamente marcada pelo denominado paradigma cartesiano, com predomínio para a concepção dualista corpo - mente, em relação profunda com o código oculto da civilização industrial, levando à visão reducionista das técnicas corporais de Karaté que foi a base conceptual do seu ensino.

Na verdade a concepção de fundo que até agora tem imperado, assenta linearmente na técnica, no "truque" de Karaté em si mesmo. Quem domina esses truques é o "mestre" que vai gerindo a sua transmissão. Nesta concepção, evidencia-se que a "técnica" é, para o ensino do Karaté, mais importante que o indivíduo, já que não se faz a gestão de variáveis humanas mas sim a gestão de variáveis "técnicas" transmitidas pelo "mestre", sendo sempre o mais graduado aquele que domina melhor "mais técnicas"<sup>2</sup>.

Se no início do desenvolvimento da modalidade este reducionismo era evidenciado pelo predomínio do empirismo característico da sua actividade, no ocidente as tentativas de "cientificar" o ensino do Karaté têm sido exploradas sempre na base do reducionismo referido, sem fazerem o verdadeiro corte com essa visão parcial e redutiva do protagonista da prática do Karaté<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup>Por exemplo: quanto maior a graduação, maior o número de Katas a executar. No entanto o nível de execução, o nível de sensibilidade demonstrada, difíceis de objectivar, continuam a ser factores predominantes na avaliação de certos mestres para as graduações.

<sup>3</sup>Esta atitude não é exclusiva do Karaté ou de outros desportos de combate orientais, mas sim de todo o desporto, já que é reflexo de uma determinada cultura.

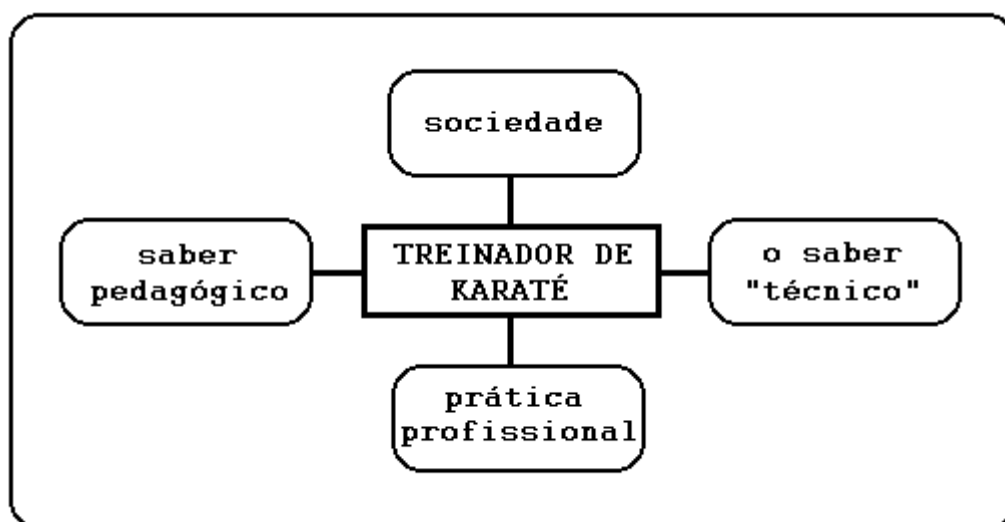
É assim que se entende a maioria dos livros e das sistematizações feitas no Karaté. Partem das técnicas existentes para os praticantes, e poucas abordagens procuram encontrar princípios e dimensões de gestão do ensino do Karaté. E, traição maior, este movimento tem influenciado também a própria visão nipônica, com raras exceções conhecidas<sup>4</sup>.

Para dar um exemplo esclarecedor, voltamos ao problema da graduação que, de uma relação entre *mestre* e *discípulo* passou a um exame do "saber antológico" demonstrado pelos praticantes. Por outro lado não se desenvolveram os instrumentos de avaliação desse referido saber, pelo que surgem situações de contradição que, a curto termo levarão, cada vez mais, ao descrédito e consequente desvalorização da graduação.

As más tentativas académicas de "cientificar" a problemática do ensino de Karaté construíram o espaço propício para se instalar uma falsa ideia:

**"Quem sabe faz, quem não sabe ensina".**

Se por um lado se relevava que o que era importante no ensino de Karaté era o domínio "técnico" da matéria Karaté propriamente dita, sendo secundário o domínio dos conteúdos que rendibilizassem o ensino e treino dos indivíduos na modalidade, levando a inferir que um bom praticante seria a base de um bom treinador, foi-se notando que nem todos tinham "jeito" para o ensino de Karaté. Esta constatação foi também levando alguns a separar dois aspectos de uma actividade social como a de treinador de Karaté: por um lado o saber fazer Karaté, por outro o saber ensinar a fazer Karaté.



O que nos parece essencial de retirar desta problemática, e que nas Artes Marciais é problemática de profundas discussões, é que o "saber" e o "fazer" do praticante são diferentes do "saber" e "fazer" do treinador. Em ambos aplica-se o pensamento Zen: "saber e não fazer... ainda não é saber".

---

<sup>4</sup>A maioria das exceções permanecem no silêncio, sem procurar de forma agressiva a promoção social conseguida pela sua divulgação nos órgãos normais de comunicação.

## II - As Competências do Treinador de Karaté

No último capítulo terminámos a evidenciar que a função de gestor do ensino e treino de artes marciais ou desportos de combate como o Karaté encerrava um saber integrador de um saber "técnico" (saber a matéria de ensino que é o Karaté) e de um saber pedagógico (saber gerir as situações que permitem ensinar e treinar o Karaté).

Até agora a afirmação da prática profissional de treinador de Karaté (Mestre, Professor, etc.) tem-se feito pelo "saber técnico" (aquilo que é ignorado pelo senso comum e que tem marcado com exclusividade o "diferencial de capacidade"). O futuro, no entanto, lança o desafio de que a relação desse profissional com a sociedade se deve estabelecer com base noutra dimensão importantíssima da sua função: o saber pedagógico, de forma a se obter o que é costume referenciamos como **saber técnico-pedagógico**.

Na verdade, cada vez menos é a exclusividade do saber "técnico" obtido empiricamente com os anos de prática de Karaté que irá dando a autoridade profissional. A massificação do Karaté e, principalmente, o alargamento do seu ensino aos escalões mais baixos, obrigam a sociedade a reconhecer essa função apenas a quem tenha uma preparação técnico-pedagógica idónea. A preparação dos treinadores para a intervenção com as crianças, ao contrário do que se usa fazer<sup>5</sup>, deve ser profunda e estrategicamente cuidada.

Em simultâneo, o desenvolvimento institucional das competições de Karaté (campeonatos que vão do regional ao mundial) levará, cada vez mais, à rentabilização dos investimentos feitos para um determinado produto: vitória.

Esta rentabilização integra a visão micro do treino em si mesmo e a visão macro das opções federativas e institucionais numa visão de entre dois: a importante gestão técnica da instituição de intervenção (clube, escola, etc.) em si mesmo. Surge, pois, a tendência crescente para a gestão autónoma do processo desportivo, em simultâneo com o desenvolvimento de competências para o trabalho em equipa. Agrupam-se estas competências numa componente designada **organizacional**.

O perigo pernicioso que se abate sobre o Karaté, como sobre qualquer prática desportiva actual é o perigo da "metáfora produtivista". Esta metáfora tem sido muito comum no Desporto, o que a par com uma certa concepção behaviorista e comportamentalista do ensino da Educação Física na escola explica o facto de que tem havido um muito maior trânsito das aquisições da investigação no domínio do Desporto para o da Educação Física<sup>6</sup> do que o inverso. Uma concepção produtivista encontra como verdadeiro terreno fértil um determinado conceito de Desporto, tal como uma concepção funcionalista encontrará como terreno fértil um determinado conceito de Escola.

---

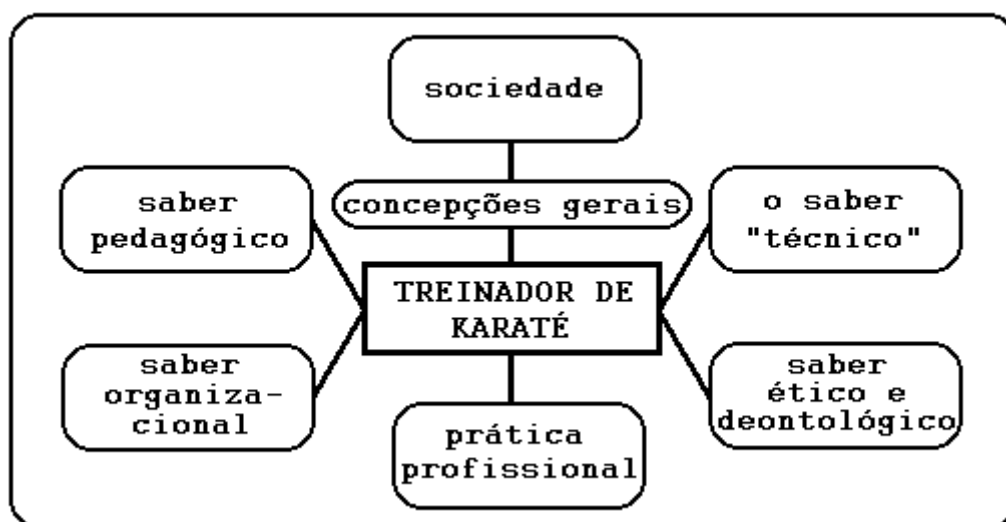
<sup>5</sup>Visão profundamente fundamentada no empiricismo reducionista baseado na autoridade técnica perante o praticante, já que uma criança terá menor capacidade de discernimento entre um bom ensino e treino e um mau.

<sup>6</sup>Educação Física que, por estar na Escola, sempre esteve mais protegida da referida metáfora produtivista. Queremos aqui evidenciar o que nos parece ser um conflito entre o universo "pedagogo" da Educação Física e o universo "produtivista" do desporto. Claro se torna que a verdadeira questão se refere ao paradigma de enquadramento das funções das actividades desportivas (talvez mais correcto: actividades do domínio da ludomotricidade - SÉRGIO, 1987) no clube ou na escola.

Corre-se, pois, o risco de perder de vista a função instrumental do desporto ao serviço do desenvolvimento humano, caindo na visão instrumental do indivíduo ao serviço dos interesses institucionais (públicos ou privados).

Surge então a componente **ética e deontológica** como componente mediadora da coerência entre a concepção e função desenvolvimentista da prática desportiva canalizada pela sua prática profissional.

Assim, já não se procura a diferenciabilidade clara apenas entre o conteúdo técnico do agente de aprendizagem (Karateca-aluno) e o conteúdo técnico do agente de ensino (Karateca-treinador): os dois saberes, como clarificámos, são encarados como perfeitamente diferentes. Outras funções vão sendo identificadas como funções integradas na função técnica do treinador<sup>7</sup>. Só o **especialista culto** conseguirá ter maior segurança na gestão das variáveis inerentes ao processo de ensino/treino desportivo.



Hoje, a questão essencial surge com a identificação da direcção do enquadramento conceptual que está por detrás dessa função técnica. Como já se referiu, há toda uma procura de cientificidade em torno de uma concepção que faz o elogio da função de treinador "técnico-produtivo" (FORMOSINHO, 1992), onde o saber é redutivamente instrumental.

O verdadeiro debate actual do treino desportivo centra-se na definição dos problemas da investigação e não, exclusivamente nos aspectos metodológicos do treino. Aqui, o pensamento crítico ficaria reduzido à reflexão sobre a escolha dos melhores meios para atingir objectivos pré-estabelecidos (POPKEWITZ, 1990 *in*: NÓVOA, 1991, p. 65).

Os treinadores, cada vez mais, farão uma crítica constante à coerência entre os modos de produção e o produto por si objectivados. Evidencia-se então a necessidade

---

<sup>7</sup>Consideramos mesmo que a separação entre conhecimento "técnico", "pedagógico", "organizacional" e "ético" (etc.) do gestor de ensino de Karaté é apenas utilitária para a conclusão da sua unicidade imprescindível. No entanto, por vezes, apegamo-nos ao formal, esquecendo o conteúdo. Quando pensamos na função *técnica* do treinador, estão implícitas todas as dimensões de conhecimento importantes para a realização plena dessa função. Mais uma vez, é o elogio concreto do paradigma holístico emergente de uma nova concepção de Homem em desenvolvimento.

de uma *gestão do processo*, de uma verdadeira *gestão da situação*, de forma a favorecer os atributos da sua profissão. Essa *situação* tem muito de *imprevisível*, pelo que, cada vez mais o treinador é um gestor do imprevisível.

Elogia-se o esbatimento da exclusividade redutiva da dimensão "técnica" na função do treinador, para se irem reforçando as dimensões reflexivas nas profissões do Desporto. Trata-se de integrar a dimensão reflexiva na função técnica do treinador, o que a situa de outra forma, orientando-a para outros conteúdos, evidenciando as novas competências já referidas.

Estas novas competências não se adquirem em salas de aula de uma acção de formação ou em práticas rotineiras. A forma como se desenvolvem baseia-se numa formação em que exista sempre um acompanhamento orientador da prática reestruturada, reestruturante e reestruturadora.

Não basta ligar com alguma coerência conteúdos disciplinares num "currículo" fechado. É essencial criar, dentro desse currículo, espaços de rotura real, espaços de prática orientada, o que tem faltado em toda a formação de treinadores protagonizada pelas federações, e já não falta na formação protagonizada pelo ensino superior (Estágio).

Assim, mais evidente se vai tornando o facto de que uma intervenção no treino, coerente com a pós-modernidade, encerra a autonomia para a construção de um *projecto*. Na realidade, a sua construção deve ser sempre o ponto de partida e de chegada na formação de treinadores.

Já não se trata apenas de derrocar a função do treinador como "artista", ou mesmo "trabalhador especializado", mas sim dar o salto importantíssimo para uma verdadeira *visão profissional* da carreira de treinador numa dimensão que ultrapassa a visão técnico-profissional mas integra-a com a visão crítico-reflexiva, o que passa, evidentemente, pelo sério enquadramento da sua formação.

### III - Bibliografia

FORMOSINHO, João (1992), *Da Crise da Educação Escolar à Diversidade da Função Docente - Reflexões sobre a Formação de Professores*, Braga, Universidade do Minho - CEFOPE (Documento fornecido na disciplina Teoria de Formação de Professores do IV Mestrado em Ciências da Educação, Metodologia em Educação Física, da FMH-UTL).

NÓVOA, António (1989), *Os Professores - Quem São? Onde Vêm? Para Onde Vão?*, Cruz Quebrada, ISEF-UTL.

SÉRGIO, Manuel (1987), *Para uma Epistemologia da Motricidade Humana*, "Educação Física e Desporto", Lisboa, Compendium.